



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**RENATA JESUS DE SANTANA**

**DOCUMENTAÇÃO DA FESTA DE IEMANJÁ EM  
CACHOEIRA – BA**

Cachoeira- BA  
2016

**RENATA JESUS DE SANTANA**

**DOCUMENTAÇÃO DA FESTA DE IEMANJÁ EM  
CACHOEIRA – BA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes.

Cachoeira- BA  
2016

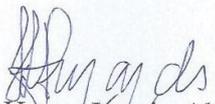
RENATA JESUS DE SANTANA

DOCUMENTAÇÃO DA FESTA DE IEMANJÁ EM CACHOEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 29 de janeiro de 2016.

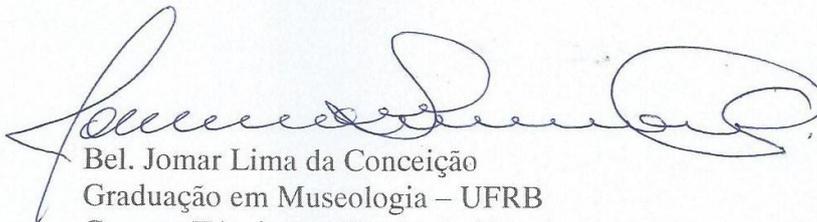
Banca Examinadora



Prof. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes (orientador)  
Doutorado em Antropologia – UFBA



Prof.ª Dr.ª Suzane Pinho Pêpe  
Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos – UFBA



Bel. Jomar Lima da Conceição  
Graduação em Museologia – UFRB  
Gerente Técnico da Fundação Hansen Bahia (Cachoeira)

Aos meus familiares

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus porque, sem ele, não estaria aqui para escrever este agradecimento e foi ele quem me deu nova oportunidade de me tornar uma pessoa melhor.

Agradeço à minha família, por estar ao meu lado em todos os momentos, especialmente, a meus pais Gesilda Sacramento e Raimundo Pereira. pelo apoio, atenção, amor e dedicação em toda a minha trajetória. Aos meus irmãos Gecilene Jesus e Ramon de Jesus, pela compreensão e apoio tanto na faculdade quanto na vida.

Ao meu noivo Jeovani de Jesus pela compreensão e incentivo.

Aos meus colegas de sala que sempre me ajudavam nas horas das dificuldades, especialmente, Aline dos Santos, Silvania Alves. Elas estiveram comigo desde o início nas horas mais difíceis. A Anderson Ferreira e Maria Helena que sempre contribuíram de forma qualitativa nos meus estudos.

Aos professores pelo conhecimento passado e por terem nos proporcionado experiências inesquecíveis, em especial, ao professor Luydy Abraham e Fabiana Comerlato, por sempre estarem me mostrando o caminho certo, e pela compreensão no momento em que tive um problema de saúde.

A Jomar Lima pela oportunidade que me ofereceu em estagiar na Fundação Hansen Bahia, aplicando, assim, meus conhecimentos na prática e adquirindo novas experiências.

Aos meus amigos em especial Lariça Maria, Ivonete Santos e Joceane Moura que sempre acreditaram no meu potencial.

SANTANA, de Renata Jesus. *Documentação da Festa de Iemanjá em Cachoeira – BA*, Monografia (Graduação) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2016.

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo documentar a Festa de Iemanjá em Cachoeira – Bahia que já acontece há alguns anos no primeiro domingo após a data 2 de fevereiro, que é a data em que se comemora o dia de Iemanjá na cidade de Salvador, Bahia. Em Cachoeira, a festa reúne devotos de diversos terreiros de candomblé da cidade e atrai adeptos das cidades vizinhas. A festa se desenvolve em etapas: começa pelo xirê, passa à feira do axé, seguida da saída das embarcações quando adeptos depositam balaios com presentes para Iemanjá, no Rio Paraguaçu, reverenciando o orixá. Outras atrações culturais dinamizam a cidade neste dia. A documentação desta manifestação é de extrema importância, pois por meio dela podemos organizar informações sobre nossa cultura, que possam ser perdidas ou transformadas ao longo tempo. A Festa de Iemanjá contribui para a afirmação da identidade cultural reunindo o povo de santo local, reforçando a diversidade cultural. Mesmo sendo de caráter religioso específico, ela agrega cidadãos de diferentes identidades religiosas, irmanando-os num mesmo propósito de fraternidade e identificação cultural que participam com alegria e respeito. Essa é uma forma dos candomblecistas darem seu grito de liberdade pedindo respeito em praça pública e mostrar a sua fé.

**Palavras-Chaves:** Registro, Patrimônio Cultural Imaterial, Festa de Iemanjá, Cachoeira.

## ABSTRACT

This monographic study aims to document the Iemanjá Party in Cachoeira - Bahia that has been going on for some years. The museum documentation is extremely important, because through it we can organize information about our culture, they can be lost or changed over time. The Iemanjá party takes place on the first Sunday after the date February 2 and gathers waterfall devotees and neighboring towns, the party have xirê wheel, fair ax, just after the departure of vessels to deposit the baskets in Rio Paraguaçu honoring Yemanjá and then presentations of cultural attractions. This manifestation contributes to the affirmation of cultural identity of local communities, strengthening cultural diversity and even being specific religious character, she brings citizens of different religious identities, irmanando them in a common purpose of fellowship and cultural identification participating with joy and respect . That's the way of candomblecistas give their cry for freedom asking for respect in the public square and showing the Candomblé religion.

**Key Words:** Record. Intangible Cultural Heritage, Iemanjá Party in Cachoeira.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Xangô. Pintura.....	20
Figura 2: São Jerônimo. Estampa.....	20
Figura 3: Obaluaê. Estampa.....	21
Figura 4: São Lázaro. Estampa.....	21
Figura 5: Iemanjá. Estampa.....	21
Figura 6: Nossa Senhora da Conceição. Pintura.....	21
Figura 7: Nanã Buruku. Pintura.....	22
Figura 8: Sant'Ana (mãe da Virgem Maria) Estampa.....	22
Figura 9: Iansã. Pintura.....	22
Figura 10: Santa Bárbara. Estampa.....	22
Figura 11: Imagem de Oxalá.....	23
Figura 12: Senhor do Bonfim. Escultura.....	23
Figura 13 Oxossi. Estampa.....	23
Figura 14: São Jorge. Estampa.....	23
Figura 15: Ogum. Estampa.....	24
Figura 16: Imagem de Santo Antonio. Estampa.....	24
Figura 17: Imagem de Iemanjá.....	26
Figura 18: Flor do Barro. Yemanjá. Cerâmica.....	26
Figura 19: Concentração das pessoas reunidas no Cais do Porto.....	31
Figura 20: Povo de santo cantando e tocando para orixás.....	32
Figura 21: Festa da Iemanjá Encontro das Águas.....	32
Figura 22: Roda de Xirê.....	33
Figura 23: Festa de Iemanjá, Cachoeira.....	33
Figura 24: Cortejo até o Cais do Porto.....	34
Figura 25: Cais do Porto com pessoas levando os balaios nas embarcações.....	34

# SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA</b> .....	11
1.1 Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível.....	13
1.2 A Festa de Iemanjá em Cachoeira como Patrimônio Cultural Imaterial.....	16
<b>2. RELIGIÃO DO CANDOMBLÉ</b> .....	18
2.1 Sincretismo Religioso.....	19
2.2 História de Iemanjá.....	24
2.3 Características de Iemanjá.....	26
2.4 Características dos filhos de Iemanjá.....	27
<b>3. A FESTA DE IEMANJÁ EM CACHOEIRA – BAHIA</b> .....	29
3.1 Descrição da Festa de Iemanjá Encontro das Águas.....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>APÊNDICE A</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

Cachoeira localizada no Recôncavo Baiano a 110 km de Salvador é uma das principais referências da cultura regional. Com uma população de maioria afro descendente, o município também se notabiliza pela sua religiosidade e os rituais católicos se misturam com as práticas do candomblé.

Os terreiros de candomblé da cidade de Cachoeira, Bahia cumprem as obrigações para lemanjá seguindo calendário próprio, assim como diversos terreiros participam no mês de fevereiro da Festa de lemanjá “encontro das águas”, que ocorre, geralmente, no domingo após o dia 2 de fevereiro.

A festa é marcada pelo oferecimento de presentes levados de barco e lançados nas águas do rio Paraguaçu por pessoas de Cachoeira e demais municípios do Recôncavo baiano, em agradecimento à divindade e às graças alcançadas pelos devotos e também para pedir proteção.

A festa de lemanjá como manifestação popular mobiliza dos adeptos ao candomblé e a umbanda atrai público interessado pela cultura de matriz africana, entre eles turistas. Para compreender a relação dos devotos com a festa, a proposta do nosso trabalho consiste em documentar o evento, com o intuito de conhecer e registrar os elementos culturais que compõem a festa, de maneira a possibilitar através desta documentação, um olhar diferenciado da sociedade em relação a festa e como manifestação sociocultural.

É desta perspectiva de compreender o significado e o modo como os devotos e a sociedade da região percebem a festa, que surge a ideia de desenvolver este trabalho, assim oferecendo à sociedade um registro descritivo e fotográfico, capaz de subsidiar as informações socioculturais contidas nele, um documento que colabore para a construção e manutenção de uma memória. Apesar da festa de lemanjá ser uma tradição recente que ainda tem menos de uma década de existência, contudo não deixa de ser importante como congregadora dos terreiros, pois dá visibilidade ao candomblé da cidade e cria uma alternativa àqueles que querem homenagear lemanjá e não podem se deslocar para Salvador e para as possibilidades de divulgação das religiões de matrizes africanas.

Documentar a festa de Iemanjá em Cachoeira é de grande valia, pois é um bem cultural de natureza imaterial que tem ação coletiva da comunidade do candomblé de Cachoeira e de outras cidades próximas, com o apoio do governo local e estadual, o que contribui para garantir a reunião de membros de várias comunidades de santo que compartilham de valores e também devemos considerar que cada casa tem as suas especificidades ligadas à sua história e às práticas desenvolvidas pelas diversas nações de candomblé, sendo as principais, jeje nagô/queto e angola, contudo, a festa se desenrola de modo a diluir tais especificidades e o culto que se rende é à Iemanjá, orixá associada às águas salgadas.

Os objetivos da pesquisa abrangem documentar a Festa de Iemanjá em Cachoeira, Bahia, a fim de compreender a história da festa e suas motivações. A fim de alcançar nosso objetivo, utilizamos fichas empregadas em documentação museológica, assim como utilizamos outros instrumentos de coleta de dados a observação, questionário, entrevistas e documentação fotográfica.

A festa de Iemanjá que acontece em Salvador é um bem cultural secular que atrai muitos turistas. Em Cachoeira, é reconhecida pelo grupo social que mobiliza. Por ser uma manifestação popular de destaque para cidade de Cachoeira, e também para as cidades circunvizinhas, essa festa possibilita aos devotos reforçar sua crença e sua identidade enquanto ser social, praticando uma ação cultural e produzindo um fato social que logo irá produzir memória.

Os principais autores que embasaram esse trabalho foram Fernanda Camargo-Moro, Helena Dodd Ferrez, Maria Inez Cândido, Pierre Verger, Vivaldo Costa Lima e Natália Guerra Brayner, dentre outros.

O nosso trabalho está dividido em capítulos com informações que contribuirão para compreensão de nosso tema. O primeiro, apresenta as bases teóricas que sustentam o tema, contextualizando a documentação e o patrimônio cultural imaterial com a Festa de Iemanjá em Cachoeira além de citar esses conceitos. O segundo capítulo explica resumidamente a religião do candomblé, o sincretismo religioso e sobre o orixá Iemanjá nessa religião, suas crenças e divindades. O terceiro e último capítulo descreve a festa, o circuito percorrido pelos devotos e apresenta as informações coletadas por meio do questionário aplicado em pessoas envolvidas na festa.

## 1. DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

A documentação museológica é um procedimento de grande relevância dentro de um museu, que representa um conjunto de informações sobre os objetos ou bem imaterial e os procedimentos empregados na documentação museológica vem servindo como base para a realização de trabalhos no campo museológico relacionados à memória, entre eles, os que tratam da cultura imaterial. Ao mesmo tempo, um sistema que recupera informações que podem ser perdidas ao longo do tempo, e que possam servir de fonte para pesquisa científica.

Segundo Cândido (2006), o desenvolvimento articulado dessas ações evidencia que os museus são organismos estreitamente ligados à informação. Os objetos museológicos – veículos de informação – têm, na conservação e na documentação, as bases para a sua transformação, e estas, por sua vez, produzem e disseminam novas informações, cumprindo-se o ciclo museológico (CÂNDIDO, 2006, p.34).

O documento é registro de uma informação independente da natureza do suporte, seja como registro escrito, gráfico ou sonoro que represente ideias, algo que prova e testemunha.

As estruturas dos objetos produzidos pelo homem possuem informações intrínsecas e extrínsecas, que para uma abordagem museológica precise ser identificada. As intrínsecas são deduzidas do próprio objeto e as extrínsecas que são obtidas por meio de outras fontes, ao mesmo tempo podem servir à construção de novos significados.

A documentação de objetos museológicos tem base para sua transformação em fonte de pesquisa e de comunicação, que produzem novas informações, assim, fazendo o ciclo museológico.

[...] Trata-se, ao mesmo tempo, de um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa científica e/ ou em agentes de transmissão de conhecimento, o que exige a aplicação de conceitos e técnicas próprios, além de algumas conservações, visando à padronização de conteúdos e linguagens. (CÂNDIDO, 2006, p. 34)

A documentação museológica tem um papel importante dentro dos museus e a cada dia esse reconhecimento está acontecendo, na medida em que os museus passam a atuar como instituições sociais, que foram criados para prestar serviço à comunidade. E para que as informações não sejam perdidas, é necessário um eficaz sistema de documentação museológica que tem como objetivos conservar os itens da coleção, maximizar o acesso aos itens e ainda tem como função estabelecer contato efetivo entre as fontes de informação e os usuários, isto é, fazer com que estes, através de informação relevante, transformem suas estruturas cognitivas em conjuntos de conhecimentos acumulados.

E é por meio da documentação que se organizam as informações dos acervos do patrimônio cultural material ou imaterial que poderão ser usados numa exposição ou para que guarde informação de uma cultura ou memória que possa ser perdida ou transformada. E por isso Helena Ferrez afirma:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio de palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fonte de informações em fontes de pesquisa científica ou instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1991, p.65)

Tanto a preservação quanto a documentação tem um espaço relevante no campo museológico, sendo ambas responsáveis pela manutenção da memória institucional e dos acervos, mas também pela preservação das manifestações vivas, que precisam ser observadas pelo que conservam e pelas suas transformações, ligadas ao contexto histórico e sociocultural. Assim, preservar o patrimônio cultural é cuidar dos valores dos bens que representam uma história, cultura de um lugar ou grupo social que ocupa um espaço em determinado lugar.

Um bem cultural material ou imaterial pode ser entendido como documento por si mesmo, portador de informações, mas é a documentação produzida por esse bem cultural e o seu conjunto de conhecimentos que os

mantêm atuante. Por isso, Fernanda de Camargo - Moro (1986) afirma que documentação museológica é toda informação relativa ao acervo. Mas é fundamental esclarecer que o objeto por si só não fala. É necessário investigá-lo para poder descobrir o seu significado.

### 1.1. Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível

O Patrimônio Cultural não se resume apenas a monumentos e objetos, mas em tradições e manifestações que foram herdadas de nossos antepassados e transmitidas para gerações futuras, por meio de atos festivos, rituais e saberes.

Para a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura), Patrimônio Cultural Imaterial são “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” ([www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)).

Os bens culturais de natureza imaterial são práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações entre outras. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração a geração e é recriado ou modificado pelas comunidades e grupos em função do ambiente, e de sua história, gerando uma identidade e assim contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao propor práticas e estratégias para salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial enfrenta-se o desafio de trabalhar na perspectiva de reconhecimento e valorização das diversificadas referências culturais de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

As pessoas fazem parte de diferentes grupos sociais durante a vida, elas constroem suas identidades de modo a relacionarem umas com as outras em diferentes contextos. Elas compartilham histórias e memórias coletivas, as

pessoas estão ligadas por um passado comum, por uma mesma língua, crenças entre outras.

A cultura e a memória são elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que tem e partilham vários traços em comum. Nesse sentido pode-se falar da identidade cultural de um grupo social. (BRAYNER, 2012, p.7 e 8)

Outra maneira de preservar e valorizar o patrimônio imaterial, é através do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que foi instituído pelo Decreto 3551, 04 de agosto de 2000, é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro, composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)).

Esse registro efetiva através da inscrição do bem cultural num dos seguintes livros: Livro de Registro dos Saberes (para inscrição de conhecimentos e modos de fazer); Livro de Registro das Celebrações (para rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho); Livro de Registro das Formas de Expressão (para o registro das manifestações literárias) e o Livro de Registro dos Lugares (para inscrição de espaços como mercados, feiras, etc.).

Nos livros de registro citados já temos inscritos no Livro dos Saberes: O Ofício das Baianas de Acarajé, Salvador-BA, registrado em janeiro de 2005; no Livro das Celebrações tem o Círio de Nazaré, Belém-PA, registrado em outubro de 2004; no Livro das Formas de expressão: O Samba de Roda do Recôncavo Baiano, registrado em outubro de 2004 e o Livro dos Lugares: Cachoeira de Iauaretê – Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri, no Alto Rio Negro, Amazonas, em agosto de 2006.

A inscrição de um bem cultural imaterial em um dos livros de registro tem como preocupação a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

Existem outros instrumentos utilizados para reconhecimento e valorização do bem cultural como: o Inventário Nacional de Referências

Culturais (INRC) que é um instrumento de conhecimentos de bens culturais de qualquer natureza; Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) que tem como objetivo implementar uma política nacional de inventário, registro e salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial.

Para se preservar o Patrimônio Cultural Imaterial é necessário cuidar dos bens que representam a história ou cultura de um lugar, de um grupo social que ocupa um determinado território, assim cuidando também dos costumes e manifestações culturais que já fazem parte da vida das pessoas e que ao longo do tempo se transformam.

Uma das formas de preservar o Patrimônio Imaterial é garantir que os seus detentores do patrimônio possam continuar produzindo e transmitindo seus saberes e fazeres e assim dando continuidade às manifestações culturais, protegendo a memória representada pelas as mesmas.

[...] o objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida. (BRAYNER, 2012, p.12)

O Patrimônio Cultural é formado por conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história e identidade de um povo. Mas o patrimônio cultural é tanto de natureza material que são os objetos, edifícios, monumentos, dentre outros, como os de natureza imaterial que estão relacionados às crenças, às habilidades, entre outros. Conforme a Constituição Federal de 1988, nos Artigos 215 e 216:

Estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluindo aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações, formas de expressão cênicas plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br))

Patrimônio é tudo aquilo que é considerado valioso pelo determinado grupo social mesmo que isso não tenha valor para outros grupos sociais, ele é reconhecido pelo grupo como referência de sua cultura e que esteja presente na memória das pessoas do lugar.

## 1.2. A Festa de Iemanjá em Cachoeira como Patrimônio Cultural Imaterial

A festa de Iemanjá em Cachoeira, que também reúne devotos de outros municípios e da capital para reverenciar a “Rainha das Águas”, é considerada uma das mais importantes manifestações do calendário do turismo étnico religioso<sup>1</sup>, assim como as celebrações anuais da secular Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira, no mês de agosto.

Essa festa de Iemanjá que une devoção, alegria e confraternização, é promovida pela Associação Cultural Yemanjá Ogunté (ACYO), formada por representantes de terreiros de candomblé de Cachoeira, e conta com o apoio da Prefeitura Municipal por meio da Secretaria de Cultura e Turismo do Município.

A festa de Iemanjá que é uma manifestação da cultura que necessita de proteção e salvaguarda para que tenha continuidade e possa ser preservada e transmitida às gerações futuras.

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. (BRAYNER, 2012, p.12)

Ela contribui para a afirmação da identidade cultural das comunidades locais, reforçando a diversidade cultural. Tal festa é uma manifestação cultural e religiosa encontrada em várias localidades do país, e mesmo sendo de

---

<sup>1</sup> Turismo étnico-religioso pode ser entendido como uma atividade desenvolvida por pessoas que se deslocam por motivos religiosos ou para participar de eventos de significado religioso. Compreendem peregrinações, romarias, visitas a locais de caráter histórico/religiosos, festas e espetáculos de cunho sagrado. Turismo Religioso e Desenvolvimento Local por Carlos Alberto Maio. Disponível <<http://177.101.17.124/index.php/sociais/article/view/2755>, acessado no dia 09.02.16, às 16:33hs>

caráter religioso específico, ela agrega cidadãos de diferentes identidades religiosas, irmanando-os num mesmo propósito de fraternidade e identificação cultural que participam com alegria e respeito.

Essa manifestação é um reconhecimento cultural e há necessidade de preservar a memória cultural através do registro dos seus modos de fazer e celebrar, bem como também é uma realização de um evento aberto ao público em geral.

A festa de Iemanjá é uma manifestação popular de destaque para a cidade de Cachoeira, e também para as cidades circunvizinhas, que visa recuperar uma lacuna, vez que há uma expectativa de dinamizar a cidade com a realização de mais eventos locais em época do ano menos atrativas ao turismo. Ao mesmo tempo, possibilita aos devotos reforçar sua crença, seu sentimento de pertença étnico-racial e a sua identidade enquanto ser social praticando uma ação cultural, produzindo um fato social que logo irá produzir memória.

Ao documentar essa festa, queremos contribuir para a construção da memória de um povo. A festa de Iemanjá representa um exemplo de diversidade cultural na cidade de Cachoeira e possibilita o contato entre os adeptos do candomblé, assim como é criado um ambiente que permite ver candomblé fora dos terreiros.

Apesar dessa festa ter sido estimulada por órgãos oficiais, ela tem, de fato, a participação do povo de santo, o que significa dizer que está inserida em um campo de alianças e de diferenças culturais em constante processo, em que líderes religiosos são mais ou menos evidenciados. As tensões sociais existentes ficam nos bastidores, pois não retiram do evento seu brilho.

## 2. RELIGIÃO DO CANDOMBLÉ

Neste capítulo, foi tomada como referência a obra de Pierre Verger, *Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo* (2002). Algumas imagens foram capturadas na Internet, sendo o critério de escolha dessas imagens antropomórficas e a presença de objetos simbólicos nela representados.

A religião do candomblé, na maioria das vezes, é vista por algumas pessoas de maneira preconceituosa, pelo fato de não saberem como são realizados os seus rituais, acabam denominando 'macumbeiros' os adeptos dessa religião.

O Candomblé é um culto ou religião, que se desenvolveu na Bahia, sendo as suas matrizes de origem africana. Africanos trazidos para o Brasil na época da escravidão que trouxeram para o país suas tradições religiosas e culturais, como crenças e panteão, estruturam seus cultos desde o século XIX, resistindo às imposições da cultura dominante, fazendo adaptações e negociações da qual decorrem essa região que não é a única religião de matriz africana no Novo Mundo, pois em outras colônias comunidades cultuam divindades africanas que aportaram no tráfico, a exemplo de Cuba. No próprio território brasileiro, conforme Edison Carneiro, as religiões de matrizes africanas ganham feições e nomes diversos, seja Xangô em Pernambuco, Batuque em Rio Grande do Sul, tambor de mina no Maranhão e Pará e macumba no Rio de Janeiro.

O termo candomblé foi usado para designar a religião que surgiu na Bahia, como afirma Vivaldo da Costa Lima (1977):

[...] é de uso corrente na área lingüística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santos ou orixás e associados ao fenômeno de possessão ou transe místico. Transe que é considerado pelos membros do grupo, como a incorporação da divindade no iniciado ritualmente preparado para recebê-lo. (LIMA, 1977, p.17)

Os rituais do candomblé são liderados pela Yalorixá (mãe-de-santo) ou Babalorixá (pai-de-santo) e são realizados em templos que são chamados de

terreiros ou casas. No ritual tem muito cânticos, danças, batidas de tambores dentre outros e são realizados pedidos aos orixás e em troca são feitas oferendas na busca de seus pedidos serem atendidos.

O candomblé na África é totalmente patriarcal. No Brasil esta religião tornou-se matriarcal com várias mães de santo na frente do conhecimento. Foram através do pulso forte destas que se constitui o candomblé brasileiro, preservando tradições africanas. ([www.irdeb.ba.gov.br](http://www.irdeb.ba.gov.br))

Ao terem suas práticas religiosas perseguidas, os africanos origem e seus descendentes criaram estratégias para continuar a cultuar as suas divindades, sendo os mais conhecidos os orixás de origem nagô, mas também os voduns de origem jeje, e as divindades de origem banto, chamadas de inquices. Essas divindades que representam as forças da natureza compõem um panteão que no Brasil é cultuado por cada comunidade religiosa, diferentemente da África em que cada aldeia ou comunidade é protegida por uma divindade, cuja história explica a sua ancestralidade.

## 2.1. Sincretismo religioso

No processo de afirmação do culto às divindades africanas na Bahia, surgiu um sistema de correspondência entre as divindades, sobretudo, com santos católicos, que eram cultuados no Brasil. Alguns autores tratam o sincretismo religioso, compreendendo-o como uma saída que os negros encontraram para prestar homenagem a seus ancestrais, pois em dia de festa a santo católico, aproveitam para cultuar a divindade africana. Outros entendem que culturas religiosas diferentes concorrem para a formação de uma nova, mas que de alguma maneira, podem coexistir, ora afirmando a veracidade de uma crença em sua similaridade em outra, ou mesmo servindo para a criação de uma outra crença em que o processo de assimilação ocorre não por analogia, mas por negação de pontos assimilados ou não assimilados nessa nova crença. (CARVALHO, 2007, p.94)

E foi isso que os escravos africanos fizeram, associaram um santo católico a um orixá, eles mostravam para os colonizadores os santos do

catolicismo que eles cultuavam, mas na realidade eles cultuavam os deuses africanos. Esse foi o fator forte na história do candomblé, e até hoje podemos encontrar similaridade entre religiões de matrizes africanas com o catolicismo. Os deuses africanos foram associados a santos católicos para facilitar a prática às escondidas, como afirma Verger (2002):

Pode parecer estranho, à primeira vista, que Xangô [Figura 1], deus do trovão, violento e viril tenha sido comparado a São Jerônimo [Figura 2], representado por um ancião calvo e inclinado sobre velhos livros, mas que é frequentemente acompanhado, em suas imagens, por um leão docilmente deitado a seus pés. E como o leão é um dos símbolos de realeza entre os iorubás, são Jerônimo foi comparado a Xangô, o terceiro soberano dessa nação. (VERGER, 2002, p.26)



Figura 1: Xangô. Pintura.

Fonte: [www.linhadasaguas.com.br](http://www.linhadasaguas.com.br)

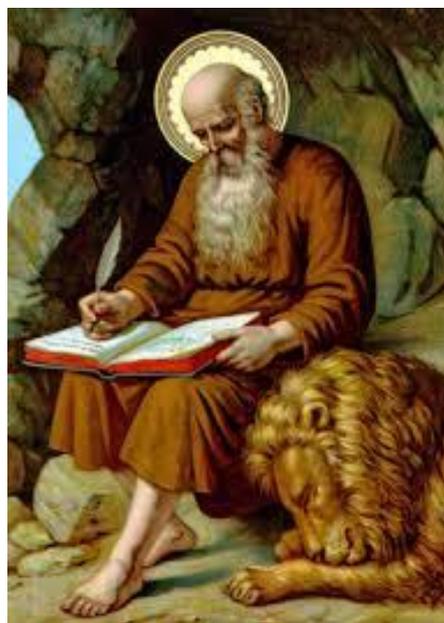


Figura 2: São Jerônimo. Estampa

Fonte: [www.franciscanos.org.br](http://www.franciscanos.org.br)

Ainda segundo Verger: “A aproximação entre Obaluaê [Figura 3] e São Lázaro [Figura 4] é mais evidente, pois o primeiro é o deus da varíola e o corpo do segundo é representado coberto de feridas e abscessos” (VERGER, 2002, p.26).



Figura 3: Obaluaê. Estampa  
Fonte: [www.templopenaverde.com.br](http://www.templopenaverde.com.br)

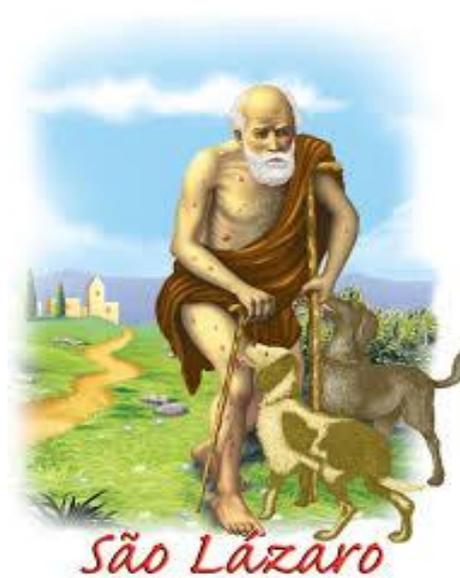


Figura 4: São Lázaro. Estampa  
Fonte: [www.casaluzdoamanha.com.br](http://www.casaluzdoamanha.com.br)

Iemanjá (Figura 5), reverenciada na festa tema deste estudo, é identificada às águas salgadas. Em alguns mitos, é mãe de numerosos orixás, entre eles Exu, Ogum e Oxóssi. Foi sincretizada com Nossa Senhora da Conceição (Figura 6). (VERGER, 2002, p.26).



Figura 5: Iemanjá. Estampa.  
Fonte: [www.raizesespirituais.com.br](http://www.raizesespirituais.com.br)



Figura 6: Nossa Senhora da Conceição. Pintura  
Fonte: [www.imaculada.org.br](http://www.imaculada.org.br)

Já Nanã Buruku, a mais idosa das divindades das águas, foi comparada a Sant'Ana, mãe da Virgem Maria" (VERGER, 2002, p.26).



Figura 7: Nanã Buruku. Pintura.  
Fonte: [www.imaculada.org.br](http://www.imaculada.org.br)



Figura 8: Sant'Ana (mãe da Virgem Maria). Estampa.  
Fonte: [www.santoralcatolico.com.br](http://www.santoralcatolico.com.br)

Iansã (Figura 9) foi identificada a Santa Bárbara (Figura 10) nesse processo de associação entre orixás a santos. De acordo com a lenda católica, o pai desta santa sacrificou-a devido à sua conversão ao cristianismo, sendo ele próprio, em seguida, atingido por um raio e reduzir a cinzas (VERGER, 2002, p.26).



Figura 9: Iansã. Pintura.  
Fonte: [www.wagnerdeaganju.blogspot.com](http://www.wagnerdeaganju.blogspot.com)



Figura 10: Santa Bárbara. Estampa.  
Fonte: [www.arquidiocesebh.com.br](http://www.arquidiocesebh.com.br)

Segundo Verger (2002) “A relação entre o Senhor do Bonfim (Figura 11) e Oxalá (Figura 12), divindade da criação, é mais dificilmente explicável, a não ser pelo imenso respeito e amor que ambos inspiram” (VERGER, 2002, p.26).



Figura 11: Imagem de Oxalá  
Fonte: [www.temploenaverde.com.br](http://www.temploenaverde.com.br)



Figura 12: Senhor do Bonfim. Escultura.  
Fonte: [www.senhordobonfim.ba.gov.br](http://www.senhordobonfim.ba.gov.br)

Enquanto na Bahia, São Jorge é identificado a Oxossi (Figura 13), deus dos caçadores, no Rio de Janeiro, é associado a Ogum (Figura 15), deus da guerra. A figura do santo nas gravuras é de um valente cavaleiro, vestido em brilhante armadura, montado sobre um cavalo. (Figura 14) De acordo com a crença cristã, São Jorge da Capadócia matou um dragão enfurecido que é a sua caça predileta, Ele é, pois o protetor dos caçadores. (VERGER, 2002, p.26)



Figura 13: Oxóssi. Estampa.  
Fonte: [www.associacaokatina.com.br](http://www.associacaokatina.com.br)



Figura 14: São Jorge. Estampa.  
Fonte: [www.umbandaemmovimento.blogspot.com](http://www.umbandaemmovimento.blogspot.com)

Esta aproximação entre Ogum (Figura 15), deus da guerra, e Santo Antônio (Figura 16) parece surpreendente, pois o santo é geralmente

representado com uma aparência suave e atraente, trazendo uma flor-de-lis na mão e carregando, em seus braços, o Menino Jesus (Figura 16).



Figura 15: Ogum. Estampa.  
Fonte: [www.tupam.net.br](http://www.tupam.net.br)



Figura 16: Imagem de Santo Antonio. Estampa.  
Fonte: [www.irmaosdospobres.com.br](http://www.irmaosdospobres.com.br)

## 2.2. História de Iemanjá

Iemanjá goza de grande popularidade entre os seguidores da religião afro-brasileira, apresenta-se em variantes de acordo com seus mitos.

Como os demais orixás nagôs, chegou ao Brasil nos tempos coloniais, trazida pelos escravos. Seu nome deriva de uma expressão ioruba *Yèyè Omo ejà*, que significa “mãe cujos filhos são peixes”, é também conhecida por Yemanjá, Iyemanjá, Yemaya, Yemoja ou Iemoja” (<[www.ocandomble.wordpress.com.br](http://www.ocandomble.wordpress.com.br)>).

Iemanjá era a orixá de uma nação iorubá, que viviam inicialmente num local no sudoeste da Nigéria, entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio chamado Yemoja. As guerras entre as nações iorubas levaram os Egbás a emigrar em direção oeste, para Abeokutá, no início do século XIX. (VERGER, 2002, p.190)

Mas com eles levaram os objetos sagrados, suportes do *ásé* – que significa energia, poder e força e da divindade, para Abeokutá, o rio *Ògùn*, que

atravessa a região, tornou-se a nova morada de Iemanjá, e lá continuaram a cultivar a divindade.

Iemanjá seria a filha de Olóòkun, deus (em Benim) ou deusa (em Ifé) do mar. Em Ifé tornou-se esposa de Olofin, com o qual teve dez filhos. Cansada de sua permanência em Ifé, foge em direção ao Oeste. Olofin lançou seu exército à procura da sua mulher, cercada Iemanjá em vez de se deixar prender e ser conduzida de volta a Ifé, ela lembrou que tinha recebido de Olóòkun uma garrafa contendo um preparado, com a recomendação de quebrá-la no chão em caso de extremo perigo e ela a quebrou, segundo as instruções recebidas. Um rio criou-se na mesma hora, levando-a para Okun, o oceano, lugar de residência de Olóòkun. (VERGER, 2002, p.190)

Já tem outra lenda que:

[...] Iemanjá fugiu devido a um desentendimento com seu marido, embora ela já houvesse avisado antes do casamento que não aceitaria ironia ao seu respeito. O casal vivia bem, mas uma noite o seu marido chegou em casa bêbado e fez comentário a respeito dos seus seios volumosos. Com raiva Iemanjá bateu com pé no chão e transformou-se num rio a fim de voltar para Olóòkun, como na lenda anterior. (<[www.portalriovermelho.com.br/yemanja\\_lenda.htm](http://www.portalriovermelho.com.br/yemanja_lenda.htm)>)

Iemanjá, símbolo de maternidade fecunda e nutritiva, é representada nas imagens com aspecto de uma matrona, de seios volumosos. A representação de Iemanjá em sua forma antropomórfica veiculada em estampas, de seios volumosos inspirou o ceramista Flor do Barro<sup>2</sup>, de Cachoeira (Figura 18)

---

<sup>2</sup> Florisvaldo Ribeiro dos Santos (Flor do Barro) nasceu em Cachoeira em 1982. Provém de uma família de ceramistas atuante na cidade de Cachoeira. Filho de Aletícia Bertosa e Pedro dos Santos. Este é filho de Armando dos Santos e sobrinho de Tamba Xavier que se tornaram conhecidos pelas cerâmicas miniaturas de personagens de presépio, orixás e, sobretudo, as Barcas de Exu e de Exu Boca de Fogo. Provavelmente, Armando e Tamba eram filhos de um antigo pai de santo de Cachoeira que fazia objetos de cerâmica para o culto, conhecido como Chiquinho de Babá. (PÊPE, 2011, p. 6)

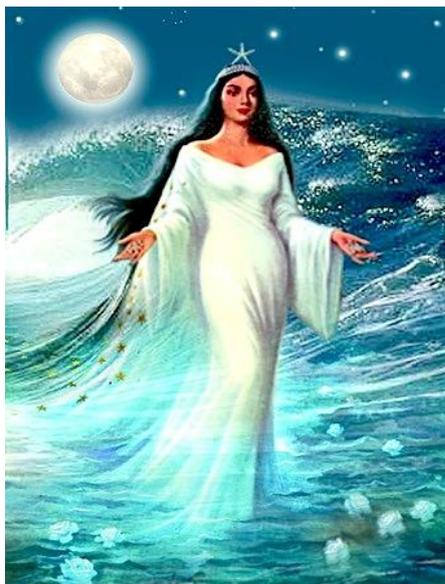


Figura 17: Imagem de lemanjá  
Fonte: [www.raizesespirituais.com.br](http://www.raizesespirituais.com.br)



Figura 18: Flor do Barro. Yemanjá. Cerâmica pintada.  
Foto: S. Pinho, 2012.

lemanjá recebe sacrifícios de carneiros e oferendas de pratos preparados à base de milho. Rainha de todas as águas do mundo, não importa se água é do mar ou do rio, ela sustenta toda humanidade, a mãe de todo o mundo e por isso seus domínios são a maternidade no sentido de educação.

Sobre as variações de lemanjá, Verger (2002) diz que, na Bahia, existem sete lemanjás que são: lemowô, que na África é mulher de Oxalá; lamassê mãe de Xangô; Euá (Yewa) rio que na África corre paralelo ao rio Ògùn e que freqüentemente é confundido com lemanjá em certas lendas; Olossá a lagoa africana na qual deságuam os rios; lemanjá Ogunté casada com Ogum Alagbedé; lemanjá Assabá ela manca e está sempre fiando algodão e lemanjá Assessu muito voluntariosa e respeitável (VERGER, 2002, p.191).

### 2.3. Características de lemanjá

lemanjá é orixá africana, ela é rainha de todas as águas, seja dos rios ou do mar, gosta de cores claras, mas sua cor preferida é o branco e o azul, seu domínio é a maternidade e sua saudação é Odó-lyá, é uma orixá sensível, amorosa e ao mesmo tempo rancorosa, pois quando aborrecida é difícil perdoar. Acredita-se que:

O orixá é o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é sempre um espelho para o filho,

um exemplo de conduta. Ela é a mãe que orienta que mostra os caminhos, que educa, e sabe, sobre tudo, explora as potencialidades que estão dentro de cada um, como fez os guerreiros de Olofin mostrando o quanto eram bons seus ofícios, mas dizendo que a guerra maior é a que levamos com nós mesmos” ([www.ocandomble.wordpress.com.br](http://www.ocandomble.wordpress.com.br)).

Iemanjá não faz distinção de seus filhos, tenham saído ou não do seu ventre. Ela criou Omolu, o filho e senhor, o rei da terra, o próprio Sol. Quando criou menino cheio de chagas fez irromper um grande guerreiro. Há uma versão mitológica de que Exu, Ogum e Oxóssi são filhos de Iemanjá e Orunmilá. (VERGER, Pierre Fatumbi, 2002, p. 113). Enfim, Iemanjá é considerada a mãe de muitos filhos.

O sábado é o dia da semana consagrado a Iemanjá e outras divindades femininas. Os iaôs (filhos e filhas de santo) de Iemanjá portam colares de contas de vidro transparentes e se vestem, de preferência, de azul-claro. Dançam, imitando o movimento das ondas; flexionando o corpo ao tempo que executam movimento alternado, pois levam uma mão à testa e outra à nuca. (VERGER, 2002, p.191)

Ela é frequentemente representada sob a forma de uma sereia, com longos cabelos soltos ao vento, também chamada de Dona Janaína, Princesa ou Rainha do Mar.

#### 2.4. Características dos filhos de Iemanjá

Os iaôs de Iemanjá são pessoas imponentes, majestosos e belas, calmas, sensuais, fecundas, cheias de dignidade e dotadas de irresistível fascínio. São voluntariosas, fortes, rigorosas, protetoras e, algumas vezes, arrogantes.

As filhas de Iemanjá são boas donas de casa, educadoras e generosas, não perdoam facilmente, quando ofendidas, são possessivas e muito ciumentas.

Não possuem aparência de fortes, mas são dominadores e possuem uma garra enorme. Também são protetores e ninguém se equivale a eles

quando o assunto é ajudar um amigo ou dar abrigo a alguém indefeso. Entre as filhas de lemanjá, todas são queridas numa casa de axé, mas normalmente destacam-se muito pela parte culinária, pelo carinho com alimentação dos filhos e pelo cuidado.

São serenos, maternais, sinceros e ajudam a todos sem exceção. Gostam muito de ordem, hierarquia e disciplina. São ingênuos e calmos até demais, mas quando se enfurecem são como as ondas do mar, que batem sem saber onde vão parar. São vaidosos mais com os cabelos. Suas filhas sabem seduzir e encantar com a beleza e mistérios de uma sereia. Geralmente as filhas de lemanjá têm dificuldade em ter filhos, pois já são mães de coração de todos.(<[www.orixas.com.br](http://www.orixas.com.br)>)

Fisicamente, os filhos de lemanjá tendem à obesidade, ou a certa desarmonia no corpo. São extrovertidos e demonstram saber de tudo.

### 3. A FESTA DE IEMANJÁ EM CACHOEIRA – BAHIA

Segundo alguns entrevistados o presente para Iemanjá lançado no Rio Paraguaçu no mês de fevereiro é uma prática religiosa que existia há mais de meio século. Provavelmente foi inicialmente realizada por sacerdotes e sacerdotisas que vieram da África como escravos para os engenhos de cana de açúcar no recôncavo e descendentes e foi feito um resgate da festa recentemente.

Sobre a Festa que ocorre no mês de fevereiro atualmente, de acordo com Itanara dos Santos, 28.10.15:

A festa teve início no ano de 2007 por iniciativa de Mãe Madalena (in memória), o ex-prefeito Tato Pereira e Itanara, atual Presidente ACYO (Associação Cultural Yemanjá Ogunté), que viram a festa em Coqueiros e pensaram que poderia acontecer em Cachoeira, pois é uma cidade histórica e de cultura afro forte e tem por finalidade reverenciar Iemanjá.

Segundo o entrevistado Antonio Moraes, cachoeirano, que trabalhou na Bahiatursa por longos anos e deu forte contribuição para que a festa fosse reorganizada, os sacerdotes Madalena (in memória) e Benício (in memória) “criaram a entidade Associação Cultural Yemanjá Ogunté (ACYO) para organizar a festa. O primeiro presidente [da Associação] foi Benicio Souza, seguido por Mãe Madalena”.

Por meio do questionário pudemos identificar várias datações do ano em que se iniciou a festa de Iemanjá em Cachoeira, porém, depois de analisarmos as respostas dos entrevistados podemos concluir que a festa iniciou-se em 2007. Acontece no primeiro domingo após 2 de fevereiro, quando ocorre a festa de Iemanjá em Salvador. Segundo Valnizia Leite “A festa não ocorre no dia 2 de fevereiro para respeitar a festa de Salvador, porque os povos de santo querem união e, portanto, por acontecer em momentos diferentes as pessoas de Cachoeira podem ir para a festa na capital e vice-versa”.

A festa acontece sempre em um domingo, o que permite a participação do povo de santo e de outros que trabalham no sábado e demais dias da semana, também é feita de acordo com a maré, que deve estar alta na hora do lançamento do presente. Este ano de 2016, a festa não acontecerá no domingo

após o 2 de fevereiro, nem dia 7 de fevereiro que é carnaval. No domingo seguinte a maré estará alta às 20:30hs. Deste modo, seus organizadores prevêm que seja exatamente dia 21 de fevereiro quando a maré estará alta às 15:00hs. Esse é o dia ideal, pois é necessário que a maré esteja alta, permitindo que os devotos partam em barcos para levar as oferendas.

Vários terreiros da região participam da festa como os de São Félix, Muritiba, Maragogipe, entre outros. No início eram poucos, atualmente são mais de vinte terreiros que se unem para confraternizar e reverenciar Iemanjá. Segundo Pêpe, em Cachoeira, Bahia existem terreiros que tem como divindade Iemanjá que são Loba Nekun Filho localizado na Rua Outeiro do Monte, nação Nagô, fundada em 1940 e a responsável Zuleide da Paixão Lima e o Ilê Axé Itay Le localizado na Rua da Olaria/ Três Riachos, da nação Nagô, fundada na década de 1940. (PÊPE, 2015, p.55)

Essa manifestação é a maneira do povo de santo mostrar a sua religião em praça pública pedindo respeito e dando seu grito de liberdade e ao mesmo tempo é o ato de cultuar a orixá Iemanjá e a oportunidade da comunidade participar e obter conhecimento sobre a religião do candomblé. Não participam da festa somente pessoas da religião do candomblé, mas pessoas que se identificam e têm devoção pelo orixá das águas.

O nome da festa é “Festa de Iemanjá Encontro das Águas”, água doce com a água salgada e em Cachoeira reverencia todos os orixás das águas como Iemanjá, Oxum, Nanã, Oxumaré, entre outras.

Para celebrar o dia da Festa de Iemanjá na cidade histórica de Cachoeira, se unem à organização da festa grupos culturais de matriz africana de São Félix, Muritiba, Maragogipe, Santo Amaro, Governador Mangabeira, Cruz das Almas e Conceição da Feira. ([www.revistaraiz.uol.com.br](http://www.revistaraiz.uol.com.br))

Em Salvador na festa do dia 2 de fevereiro, milhares de pessoas vão à praia do Rio Vermelho para fazer oferendas a Iemanjá. “A tradição começou em 1923, quando um grupo de pescadores ofereceu presentes para agradar a Mãe das águas numa temporada de escassez de peixes. Todos os anos os pescadores pedem a Iemanjá que lhes dê fartura de peixes e um mar tranquilo” (<[www.culturatododia.salvador.ba.gov.br](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br)>).

### 3.1. Descrição da Festa de Iemanjá Encontro das Águas

As atividades que antecedem a saída das embarcações com os presentes são concentradas na área do cais do Porto de Cachoeira. Neste local, é armado um toldo para os balaios com as oferendas. [Figura 19]



Figura 19: Concentração das pessoas reunidas no Cais do Porto, 3.02.2012  
Foto: S. Pepê

Na pista do palco, na Feira do Porto, é armado um barracão de madeira e palha para a realização da cerimônia do xirê, que é o momento de saudações a todos os orixás do panteão africano.

A festa inicia-se com a feira do axé, em seguida com o xirê (roda de cântico para os orixás) que conta com a voz e os instrumentos sacralizados pelo povo de santo



Figura 20: Povo de santo cantando e tocando para os orixás, 3.02.2012  
Foto: S. Pepê



Figura 21: Festa de Iemanjá Encontro das Águas, 3.02.2012  
Foto: S. Pepê



Figura 22: Roda xirê  
Fonte: [www.portalaponte.com.br](http://www.portalaponte.com.br)

Logo após os adeptos saem em cortejo para os cais do porto para seguirem em embarcações para levarem os presentes para as águas. Os presentes para Iemanjá são depositados em balaios e todas as pessoas que queiram homenagear a 'rainha das águas' também podem ofertar seus presentes.



Figura 23: Festa de Iemanjá. Cachoeira, 3. 02.2012  
Foto: S. Pêpe

Segundo a entrevistada Itanara os presentes que são colocados no balaio são “espelho, alfazema, pulseira, pente, argola, anéis, batons e comidas que não podem ser reveladas. Mas o mais importante desses presentes são as flores que representam as mulheres, o amor, nossas mães, nossas rainhas.”

Após a realização do xirê, as pessoas, sob o som do atabaque seguem em cortejo até o cais do porto com os balaios cheios de presentes para as embarcações que partem do Rio Paraguaçu. [Figura 24]



Figura 24: Cortejo até o cais do porto  
Fonte: [www.bahia.com.br](http://www.bahia.com.br)



Figura 25: Cais do porto com pessoas levando os balaios nas embarcações  
Fonte: [www.varaltour.com.br](http://www.varaltour.com.br)

Os presentes são depositados primeiramente no pilar do meio da ponte, pois a água nesse local é mais doce e lá reverencia Oxum (que habita em água doce) e em seguida, seguem para a Pedra da Baleia, local considerado sagrado para o Povo de santo e também por ser próximo ao mar, assim reverenciando Iemanjá (que habita em água salgada) e dezenas de pessoas se posiciona ao longo do porto para acompanhar essa manifestação de fé. É importante que a maré esteja cheia

Depois de depositarem os balaios os adeptos retornam à terra firme para apresentações do samba de roda e atrações de grupos culturais. Segundo a crença popular se o principal presente oferecido afundar significa que Iemanjá está aceitando o presente e irá retribuir atendendo aos pedidos.

Apesar de parecer motivada pela festa de Salvador, por causa da data, o formato adquirido pela festa realizada em Cachoeira é outro. O número de turistas é reduzido e a festa é realmente levada pelo povo de santo e pessoas da comunidade.

É guardada a tradição dos terreiros de Cachoeira, quando membros dos terreiros levam as suas oferendas e durante o circuito fazem voltas na Pedra da Baleia, lugar considerado sagrado pelo povo de santo, depois seguem adiante e lançam seus presentes para Iemanjá. (PÊPE, 2015, p. 209)

Em Salvador A festa de Iemanjá no Rio Vermelho atrai uma multidão de pessoas que pretendem levar suas oferendas para a deusa das águas, a fim de pedir proteção no ritual considerado emocionante pelos adeptos e turistas.

A tradição da festa em homenagem a Iemanjá teve início no ano de 1923, quando um grupo de 25 pescadores resolveu oferecer presentes para mãe das águas. Nesta época os peixes estavam escassos no mar. [...] no início, a celebração era feita em conjunto com a Igreja católica, numa demonstração do sincretismo religioso da Bahia. Na década de 1960, um padre teria ofendido os pescadores, chamando-os de ignorante por cultuarem uma sereia. [...] provocou um rompimento com a igreja e a partir daí os pescadores passaram a realizar a festa apenas em homenagem a Iemanjá. ([www.culturatododia.salvador.ba.gov.br](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br))

Nas ruas do Rio Vermelho desfilam grupo de samba de roda, capoeira, blocos afros, fanfarras entre outros. As oferendas são preparadas cercadas de

rituais e fundamentos secretos e demoram cerca de sete dias para ficar prontos.

O dia de Iemanjá é também o Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, uma santa católica, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina ainda existe essa associação entre essas santas e orixá feminino e no Rio de Janeiro Iemanjá é sincretizada com Nossa Senhora da Glória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados pudemos concluir que a Festa de Iemanjá em Cachoeira – Bahia é uma manifestação cultural de aspecto religioso que agrega os cidadãos, sobretudo religiosos ligados ao candomblé, irmanando-os num mesmo propósito que é a fraternidade e a fé no orixá Iemanjá, o que não impede que pessoas de outras religiões sejam atraídas para assistir a festa.

Esse evento contribui para a afirmação da identidade cultural das comunidades locais, reforçando a diversidade cultural que existe no município de Cachoeira. Assim, a comunidade participa dessa manifestação que ganha uma dimensão espacial diversa.

Esse trabalho foi significativo, pois percebemos a relevância da festa para os candomblecistas, pois é o momento que eles podem mostrar sua religião em praça pública pedindo respeito e ao mesmo tempo, dando seu grito de liberdade, cultuando e reverenciando a orixá Iemanjá. Esse evento agrega todos que queiram participar, independente de religião.

Com base nos depoimentos, pudemos notar que as pessoas têm opiniões diferentes, mas possuem a vontade que essa manifestação cultural e religiosa não seja esquecida ao longo do tempo e que ela perpetue de geração a geração.

A pesquisa deste trabalho de conclusão de curso na área da Museologia, mais particularmente sobre a documentação dessa festa que é uma manifestação cultural imaterial passa a suscitar questionamentos sobre outras manifestações dedicadas às divindades africanas das águas que acontecem no Rio Paraguaçu realizadas pelo povo de santo e mesmo por outras pessoas que cumprem obrigações religiosas orientadas por sacerdotes e sacerdotisas da região. Por meio da documentação, organizamos informações para que ela possa ser usada como fonte de pesquisa ou para que essa informação não seja perdida ou transformada com o passar do tempo.

Os resultados que conseguimos com essa pesquisa podem contribuir para a relevância que a festa ganhou, porque apesar do desaparecimento de dois de seus iniciadores na década passada, a festa tem acontecido com a

ajuda do poder público, como a Secretaria de Cultura de Cachoeira e a Bahiatursa, preocupados em ajudar na sua manutenção em consideração à identidade cultural das comunidades locais e ao respeito à diversidade religiosa.

## REFERÊNCIAS

BRAYNER, Natalia Guerra. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais.** Brasília (DF): IPHAN, 2012. 32 p.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. **Museu: aquisição/documentação:** tecnologias apropriadas para a preservação dos bens culturais. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986. 309 p. (Coleção Eleutherias)

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In: CADERNOS de diretrizes museológicas 1.2. Brasília: Minc; IPHAN; Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria do Estado e Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p.33-79.

CARVALHO, Juliana Barros Prata. **Sincretismo Religioso Brasileiro: um estudo através das Veredas de Grande Sertão,** PUC, São Paulo, 2007.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil: Legislação e Políticas Estaduais.** Brasília: Educarte, 2008.

COSTA, Evanize Pascoa. Secretaria de Estado da Cultura. **Princípios básicos da Museologia.** Curitiba, 2006.

FALCÃO, Andréa. **Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares.** Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. 89 p. (Série encontros e estudos; v. 6)

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: Teoria para uma boa prática. Trabalho apresentado no IV Fórum de Museus do Nordeste, 1991, Recife.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de N. M.((Org.)). **Documentação em museus. In: MUSEU DA ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS.** Rio de Janeiro: MAST, 2008. 230p. (MAST Colloquia; 10)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE (BRASIL). **O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial.** Brasília (DF): IPHAN, 2003. 138p.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de Santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo de relações intra-grupais.** 1977. 208 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1977.

LODY, Raul. **Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LUBISCO, Nídia Maria Linert; VIEIRA, Sonia Chagas; SANTANA, Isnaia Veiga. **Manual de estilo Acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 5 ed. Salvador: EDUFBA, 2013. 144p.

NASCIMENTO, Silvania Souza do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mario de Souza. BRASIL Ministério da Cultura. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) Departamento de Museus e Centros Culturais. **Cadernos de diretrizes museológicas 1**. 2. ed. Brasília (DF): Ministério da Cultura, 2006. 152p.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. 2 ed. Florianópolis: FCC, 2014. 2v.

PÊPE, Suzane Pinho. Entrecruzamentos culturais na cerâmica de Cachoeira (Bahia). In: XI CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Diversidades e Des(igualdades). **Anais Eletrônicos...** Salvador: CEAO, UFBA, 2011. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316191958\\_ARQUIVO\\_TRABALHOXICONLABSUZANEPINHOPEPEset2011.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1316191958_ARQUIVO_TRABALHOXICONLABSUZANEPINHOPEPEset2011.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2012.

PÊPE, Suzane Tavares de Pinho. **Louco, Maluco e seus seguidores e a formação de uma Escola de Escultura em Cachoeira (Bahia)**. Tese. 304 f. Doutorado (Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

SILVA, Josias A. da. **Documentação e conservação de acervos museológicos**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

- VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo**. Salvador: São Paulo: Círculo do Livro, Corrupio, 2002. 295 p. II.

< [www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br) > Acessado dia 07/07/2015, às 10h 52min.

< [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br) > Acessado dia 07/07/2015, às 11h 45min.

< [www.portalvermelho.com.br](http://www.portalvermelho.com.br) > Acessado dia 08/07/2015, às 10h 48min.

< [www.revistaraiz.uol.com.br](http://www.revistaraiz.uol.com.br) > Acessado dia 23/07/2015, às 20h 50min.

< [www.irdeb.ba.gov.br](http://www.irdeb.ba.gov.br) > Acessado dia 21/09/2015, às 9h 25min.

< [www.orixas.com.br](http://www.orixas.com.br) > Acessado dia 21/09/2015, às 16h 14min.

< [www.ocandomble.wordpress.com.br](http://www.ocandomble.wordpress.com.br) > Acessado dia 01/10/2015, às 18h 22min.

< [www.culturatododiasalvador.ba.gov.br](http://www.culturatododiasalvador.ba.gov.br) > Acessado dia 28/10/2015, às 8h 25min.

## ENTREVISTAS

RIBEIRO, Antonio Moraes. Entrevista concedida a Renata Jesus de Santana. Cachoeira, 29.01.2016.

MAGNO, Luis. Entrevista concedida a Renata Jesus de Santana. Cachoeira, 29.01.2016.

## APÊNDICE A

### Questionário para os participantes da festa

- 1- Quando iniciou a festa de lemanjá em Cachoeira?
- 2- Por que a festa não ocorre no dia 2 de fevereiro?
- 3- Qual o motivo da festa ocorrer em Cachoeira?
- 4- Qual a importância da festa de lemanjá para você e para a comunidade que participa?
- 5- Como é realizada a festa de lemanjá em Cachoeira?
- 6- Quais as ações desenvolvidas na festa?
- 7- Quais são as características da festa?
- 8- Qual a diferença da festa de lemanjá em Cachoeira para de Salvador?
- 9- Há quanto tempo você participa da festa?
- 10- Tem algum motivo especial para você participar da festa? Justifique.
- 11- Qual o aspecto da festa que você acha mais importante?
- 12- Qual a motivação que você participa da festa?

Respostas:

Nome: José Mario

Idade: 38 anos

- 1- 2009
- 2- Porque tem a festa em Salvador, para não coincidir e atrair mais pessoas para cidade e a população possa participar mais.
- 3- Porque a cultura afro é forte e tem por finalidade reverenciar lemanjá.
- 4- Para mim é o ato de cultuar lemanjá, a rainha da água salgada e oportunidade para a comunidade participar e obter conhecimento sobre a religião afro brasileiro.

- 5- Realizado tanto a parte religiosa como profana, onde a comunidade leva suas flores e presentes para reverenciar Iemanjá e temos samba de roda e outras atrações.
- 6- Ajuda da Prefeitura de Cachoeira e a população em si.
- 7- Festa voltada para Iemanjá onde reverencia a rainha das águas salgadas, onde os barcos levam os presentes, sendo que a maré tem que esta cheia.
- 8- Quase nenhuma, o mesmo ato que ocorre em Salvador, ocorre aqui em Cachoeira, a diferença é data. A população tem participado mais e hoje a divulgação da festa é maior.
- 9- 5 anos
- 10- Sim, porque sempre estive presente em todos os atos relacionados a cultura afro brasileira, como palestra etc.
- 11- O ato de depositar os presentes nas águas e por si só um ato ligado a natureza.
- 12- Desde criança sempre participou nos atos afro religiosos.

Nome: Valmir Pereira dos Santos

Idade: 50 anos

- 1- 2005
- 2- Porque em combinação com os organizadores e o povo de santos sempre após de Salvador.
- 3- Foi idealizada pelo povo de santo de Cachoeira e o Rio Paraguaçu uma forma de homenagear as Iabás.
- 4- O grito da liberdade através da manifestação e para ele participar de uma manifestação que faz parte da ancestralidade da cultura do nosso povo.
- 5- Acontece com Xirê (abertura) com os cantos das Iabás e as orixás, um espaço onde as pessoas colocam suas oferendas no balaio e saem em procissão para depositar os presentes no rio Paraguaçu.

- 6- Trabalhos musicais, exposições de trabalhos de arte (bolsas e colares) e discursos dos yalorixás e babalorixás na sua crença e fé clamando pelo respeito e tolerância.
- 7- Culto a Iemanjá, a rainha do mar que é diversidade protetora dos pescadores oriunda da África.
- 8- Em Salvador tem espécie de Capela, sai do centro e lá é dedicado no mar.
- 9- Desde o início
- 10-Que a manifestação sempre pendure por muitos e muitos anos da leitura que tem da preservação e conservação das nossas manifestações afros descendente.
- 11-Manifesto que estão ligados diretamente a cultura africana e tem cunho religioso afro ou afro religioso.
- 12-Participar do ato de liberdade e expor os sentimentos daquilo que é realmente acredita.

Nome: Edvaldo de Jesus Conceição

Idade: 37 anos

- 1- 2009
- 2- Para não chocar com a festa de Salvador, para não perder o público e fazer uma irmandade.
- 3- Idealizada por Mãe Madalena (In Memória), Tato e Mãe Nara, pois viram a festa em Coqueiros e pensaram porque não fazer em Cachoeira.
- 4- Está nas ruas pedindo respeito, direito de ir e vim em nossa religião.
- 5- Chamando todos os terreiros de Cachoeira e outras regiões.
- 6- Xirê dos santos, depois levar os presentes nas águas, o presente que é depositado no rio não tem nenhum tipo de poluição, assim prezando pela natureza.
- 7- A cara do povo de santo na praça pública, visando pela liberdade e crença sem nenhum tipo de preconceito.

- 8- A festa de salvador atrai mais pessoas por ter mais de mil terreiros e por existir muito mais patrocínio e recurso, vem poucas pessoas de Salvador e atrai mais pessoas do recôncavo baiano.
- 9- 3 anos
- 10-Sim, não esconder a religião e está em praça pública demonstrando fé e crença.
- 11-A entrega do presente, porque ali sente a vibração do orixá, como o balaio entregue e aceito.
- 12-Por ser responsável do Terreiro do Ventura de 400 anos e juntar ao meus.

Nome: Valnizia Leite

Idade: 48 anos

- 1- 2009
- 2- Para respeitar a festa de Salvador. Porque queremos a união, assim o pessoal de Salvador possa vim para Cachoeira e vice-versa.
- 3- Porque Cachoeira é uma cidade histórica, cidade voltada para a religião do candomblé.
- 4- A religião ser expandida para todo mundo e é o encontro religioso de catolicismo, cristianismo africano que é o candomblé.
- 5- Organizado pelo pessoal do axé (candomblé), no dia arrumação dos presentes, coloca as oferendas para orixá um dia antes no dia tem Xirê (roda com as pessoas do candomblé com cantiga para os orixás).
- 6- Arrumação dos balaio para os presentes e o xirê.
- 7- Voltada para lemanjá, saudando e cantando para ela.
- 8- Em salvador os presentes são colocados em água salgada e em Cachoeira é colocado em água doce e que um dia antes coloca presente do Dique do Tororó para Oxum e no dia 02 para lemanjá.
- 9- 5 anos

- 10-Sim, muita fé e amor para o orixá e demonstrando que tem orgulho de ser do axé, que é da religião do candomblé e não tem vergonha.
- 11-A entrega das oferendas, dos presentes das pessoas do candomblé, pois estão alegre e satisfeita por estarem ali e é uma viber positiva dos orixás.
- 12-Por ser da religião de matriz africana (Candomblé) e ter orgulho de ser do axé.

Nome: Itanara dos Santos

Idade: 39 anos

- 1- 2007
- 2- Porque no dia 02 acontece em salvador e o de Cachoeira acontece no primeiro domingo após o dia 02 de fevereiro reverenciando todos os orixás das águas.
- 3- Segundo os mais velhos ocorria uma festa parecida com essa dos nossos antepassados, a terra da magia, da mãe Oxum e Iemanjá e a de Cachoeira surgiu em Coqueiros.
- 4- Muito importante, como se fosse o candomblé na praça pública e nós do candomblé damos o grito de guerra, mostrando nossa religião e nossa cultura.
- 5- A festa é preparada três meses antes e tem reuniões com o povo de santo.
- 6- Fazemos a feira do axé, pedimos aos irmãos para expor tudo o que fazem.
- 7- Arrumamos o porto, fazemos tudo que acontece dentro do terreiro para se realizar a festa.
- 8- Reverenciamos todos os orixás todos os orixás das águas: Iemanjá, Oxum, Nanã, Oxumaré e Oxalá.
- 9- 8 anos
- 10-Amar, adorar e reverenciar o nosso orixá, além do mais Porque sou filha de Oxum.

- 11-Quando entramos no rio pra depositar, colocar os presentes para as rainhas das águas.
- 12-Sou filha, sou neta do povo de santo, nascida e criada dentro do terreiro.